



ESPECIAL | LUGARES DO RIO



NATALIA FIGUEIREDO
natalia.figueiredo@odia.com.br

Terra de areia branca, bem fininha, de restingas preservadas, de lagoas e maciços. Mesma terra que convive com condomínios fechados, largas avenidas e shoppings gigantescos. Chamada por muitos de Miami brasileira, a Barra da Tijuca é reconhecida por moradores e admiradores apenas como um pedaço do paraíso. Paraíso que cresceu e se transformou bem depressa.

Do plano piloto de Lúcio Costa, de 1969, restou o principal: as avenidas e as áreas verdes preservadas. Mas com o tempo o bairro foi mudando, recebendo novos investimentos tanto do setor público, quanto do imobiliário. Desde o ano 2000, o número de domicílios mais que dobrou, chegando a 136.743 e a população foi a 300 mil pessoas.

O bairro representou a terceira fase de ocupação da cidade, iniciada na década de 1970 pela construção da auto estrada Lagoa-Barra e os primeiros edifícios, entre eles: as torres de Niemeyer, o Riviera Dei Fiori, Atlântico Sul e Barramares. “O projeto de Lúcio Costa era dirigido a um novo homem que ele e seus contemporâneos supunham que surgiria no nosso tempo. Para ele, a cidade era suja e congestionada e o homem da cidade deveria habitar em torres altas muito isoladas umas das outras e separadas por jardins. Os carros andariam em vias exclusivas, autopistas rápidas e eficientes. Os pedestres poderiam percorrer livremente o parque verde por entre as torres e usufruir da natureza preservada”, conta o arquiteto, urbanista e professor da UFRJ, Eduardo Horta.

De acordo com Horta, o plano foi posto em prática como deveria, o que mudou foram as grades que vieram depois. “Hoje a Barra tem tudo, as torres bem isoladas umas das outras, o comércio setorizado, as autopistas, só não tem o parque verde contínuo entre elas, porque criamos os 'condomínios fechados'. Cada um com sua estrutura de lazer completo”, diz. O que deveria ser sinônimo da segurança, para o urbanista pode significar um estímulo à formação de tribos autônomas, pois não se depende tanto do espaço público.

No entanto, se a arquitetura não favoreceu, os pioneiros mostraram que lá não havia espaço para individualismo. Marilene Meireles, de 72 anos, e sua família foram um dos desbravadores do bairro. “Não tinha nada, só mosquito. Então a gente trocava muita coisa, pedia um tomate pro vizinho, sal, açúcar”, conta a aposentada. Ex-moradora da Tijuca, assim como a maioria na época, Marilene e a família compraram uma casa no bairro e depois foram morar em um dos primeiros edifícios. “Meu marido me prometeu que um dia me daria uma casa na praia. No início era só uma casa de veraneio, depois nos mudamos de vez. Aos poucos foram chegando mercado, shopping e outros condomínios”, relembra.



Manobras radicais são um prazer raro para quem executa e para quem vê



O pioneiro Fernando Ferreira e o filho, Filipe Ferreira, campeão brasileiro

O BAIRRO MODERNO É LOGO ALI NA BARRA DA TIJUCA

Resolver o problema do transporte público é o maior desafio do bairro; aquela praia ainda é o sonho de consumo de muitos cariocas que querem morar lá

Com o apoio do marido e alguns vizinhos Marilene fundou o bloco Coça Coça e ao mesmo tempo apareceram outros, que movimentaram o Carnaval da Barra, como o bloco do Buda e a Banda da Barra. “A gente participava de tudo. Eu era mestre-sala e a prima do meu marido era a porta-bandeira. Nós começamos isso há quase 40 anos e por causa da mosquiteira, o nome ficou Coça Coça”, lembra a aposentada.

Hoje, a Barra recebe diversas obras para estruturar o transporte público e tentar amenizar seu principal entrave: o trânsito. Passam pelas principais vias cerca de 158 mil automóveis por dia e

o bairro lidera como gerador de veículos de viagem, título que pertenceu a Copacabana há 10 anos. “O sistema de linhas do BRT foi baseado na experiência de Bogotá, mas não tirou carros da rua porque ele sozinho não dá conta. É preciso que o BRT exista lado a lado ao metrô. O metrô é o único sistema comprovado que tira carros das ruas. Teremos a estação Jardim Oceânico, com tudo para ser um sucesso se acompanhada da promessa do governador Pezão de levar a linha 4 até a Alvorada e depois até o Recreio”, explica o engenheiro de transportes e morador do bairro, Fernando Mc Dowell.



CARIOQUICE

3 de julho, o dia do Fico

■ Que a Barra é um bairro destacado do Centro do Rio, todo mundo sabe. Agora, o que pouca gente lembra é que já houve um movimento para separá-lo da cidade do Rio. Sim, por pouco os barrenses não deixaram de ser cariocas. Em 3 de julho de 1988 aconteceu, com o apoio da Assembleia Legislativa e da Justiça Eleitoral, o plebiscito que pretendia tornar a Barra da Tijuca um local emancipado.

A polêmica foi grande e o pú-

blico ficou bastante dividido. De acordo com os números de votação divulgados em reportagem do Jornal do Brasil, 5.785 pessoas votaram pelo sim, 354 pelo não e 78 corresponderam a votos nulos e brancos. O grande entrave do plebiscito deveu-se ao fato de que o quorum mínimo não foi atingido; eram necessários pelo menos 23.978 votos para que a votação fosse validada e o total de votantes foi de apenas 6.217. Defensores do sim alegavam que os altos impostos pagos na região não voltavam em forma de melhorias. Já a torcida do não, além de ter boicotado a votação, aproveitando aquele belo dia de sol, não abriu mão de ser carioca.



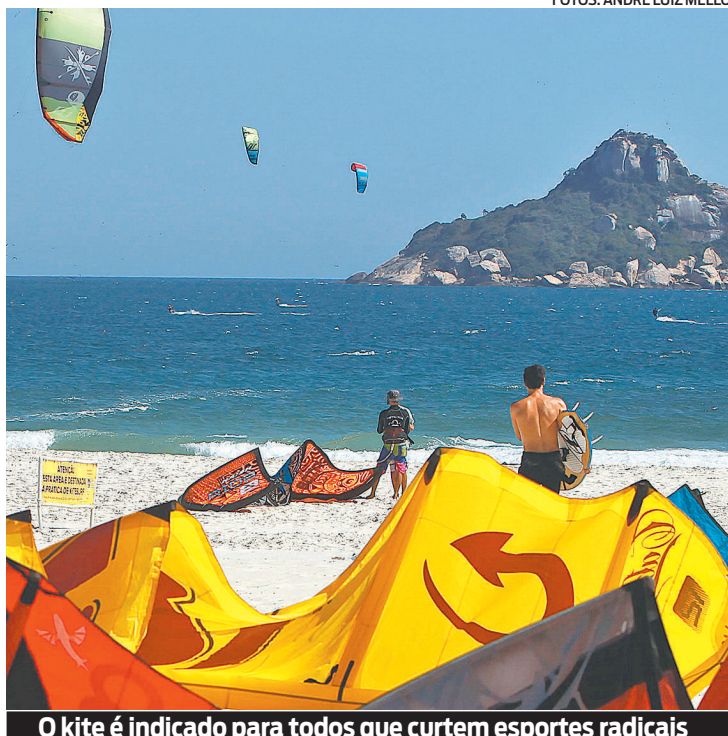
Por causa do visual, o point é procurado até por quem não é adepto do esporte



ARQUIVO

O Elevado do Joá sai do papel e aproxima a Barra do Centro

FOTOS: ANDRÉ LUIZ MELLO



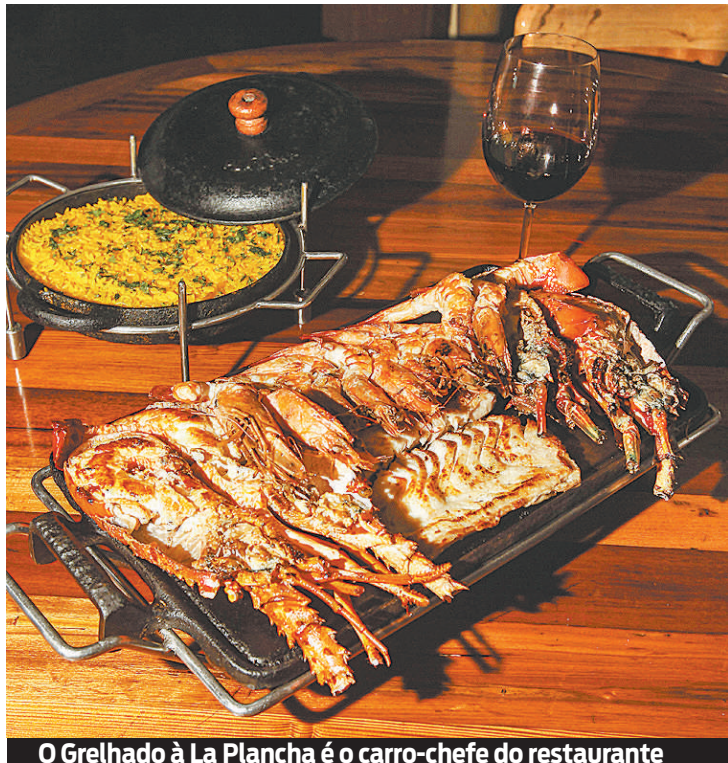
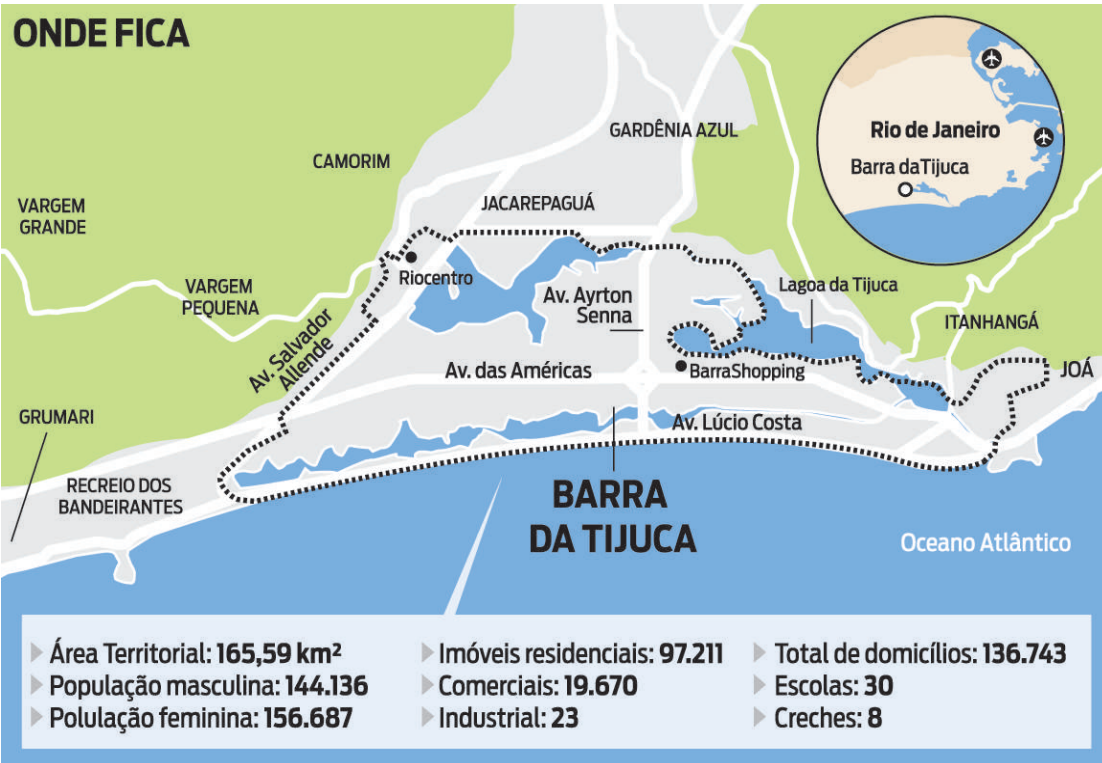
O kite é indicado para todos que curtem esportes radicais

VENTO A FAVOR

■ Uma invenção francesa, que os americanos popularizaram e os surfistas cariocas adotaram é o Kitesurf. O esporte aquático que utiliza uma pipa, presa na cintura por um trapézio, e uma prancha, virou febre no Postinho da Barra, na Avenida do Pepê. É o único local na cidade do Rio permitido para a prática. Segundo Francisco Ferreira, presidente da Associação Carioca de Kitesurf (ACK), a praia é considerada a melhor para a prática pelas condições do vento, a estrutura e o tamanho da faixa de areia. O período ideal pode estender-se de agosto até março. "Aqui (no Pepê) você tem vento para o Kite 250 dias no ano, uma faixa de areia maior, pois a ilha abriga as ondulações e há um bom corredor lateral de vento, por conta da Pedra da Gávea. Então é tudo o a favor", conta Ferreira.

Ferreira conheceu o Kitesurf em viagem ao Havaí, onde morou durante dois anos, e ao voltar para o Brasil percebeu que a procura pelo esporte era muito grande, então começou a dar aulas. "Nos fins de semana você vai ver uns 200 kites na água. O clube tem 160 sócios e a gente comenta que, viajando pelo mundo, aqui ainda é o melhor lugar", completa. No local, aconteceu em 2014 a terceira etapa do Campeonato Brasileiro de Kitesurf, onde Filipe Ferreira, de 22 anos, filho de Francisco, foi campeão.

ONDE FICA



O Grelhado à La Plancha é o carro-chefe do restaurante

Tradição espanhola na mesa carioca

► No coração da Barra, o Mercado do Produtor, na Av. Ayrton Senna, resiste com seu peixe fresco, seu churrasquinho e seu chope estupidamente gelado, claro, até de manhã.

No restaurante La Plancha, nos fundos do mercado, a culinária é espanhola, mas o espírito é totalmente carioca, para alegria dos boêmios, que não têm hora para ir embora. Aberto 24 horas, o local aposta nos frutos do mar e mantém uma história de resistência. "Comprávamos os peixes no antigo Mercado da Praça XV e vendíamos na rua, como camelô. Só que o rapa vinha e levava tudo, até que em 1984 ganhamos esse espaço da prefeitura", conta dona Rosa Barcia, a espanhola.

O que começou com uma pequena peixaria virou para um concorrido restaurante, junto às oito lojas em funcionamento no espaço. Rosa Barcia, afirma que o segredo sempre foi a honestidade e dedicação. "Nós construímos tudo isso, sem ajuda. O mercado chegou a ser fechado, mas depois recuperamos nosso espaço", conta dona Rosa. Segundo seu neto e chefe Luís Andrés Junior, a briga judicial pelo espaço existe desde sua fundação. "Minha avó chegou a entrar na frente da escavadeira quando tentaram demolir o espaço", conta com orgulho.



Criado em 1981, o Bosque da Barra é ideal para passear com a família



Rebecca Vieira escolheu o Bosque para ilustrar o álbum da bebê que vem aí



Dona Rosa também mantém no Mercado Produtor a peixaria Rosamar